

Feliz para sempre?

Forever Happy?

Guilherme Augusto Souza Prado

Resumo

O presente trabalho consiste na resenha do livro *Feliz para sempre? Uma análise dos efeitos do uso a longo prazo de antidepressivos*, fruto da dissertação de Mestrado em Psicologia defendida por Kwame Yonatan Poli dos Santos na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Seu tema é um problema que está na ordem do dia para o campo da psicologia atualmente: a massiva medicalização da depressão. Dissociando o enquadre diagnóstico da questão peculiar dos antidepressivos fabricados e receitados em massa à população atualmente, o trabalho se vale de entrevistas com cinco usuários diagnosticados como depressivos e medicados continuamente com os medicamentos correspondentes para pautar um espaço de singularidade onde reverbera ainda a experiência singular de cada sujeito com seu sintoma, com seu desejo, com a dor de sua doença e, ponto-chave da pesquisa, com a experiência farmacológica e subjetiva da medicalização da depressão.

Palavras-chave

Medicalização; Depressão; Antidepressivos.

Abstract

*This paper aims to review the book *Feliz para sempre? Uma análise dos efeitos do uso a longo prazo de antidepressivos*, Psychology Mastering thesis by Kwame Yonatan Poli dos Santos, working at the Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. It looks after a very contemporary problem for the psychology field: depression’s massive medicalization in our society. Starting with the dissociation between the diagnostic seizure and the peculiar fact that the antidepressants drugs are massively produced and prescribed now a days, the author interviews five persons diagnosed as depressive ones and continuously medicated with the correspondent drugs in order to find some space of singularity in which each one’s own experience takes place in relation with her/his symptoms, with her/his desire, with her/his own disease’s pain and, key point of the work, with the pharmacological and subjective experience of medicalization of depression.*

Keywords

Medicalization; Depression; Antidepressants.

**Guilherme Augusto
Souza Prado**

**Universidade Federal
Fluminense**

Psicólogo, Mestre e Doutorando
em Psicologia Clínica e
Subjetividade pela Universidade
Federal Fluminense, bolsista da
CAPES.

izzytba@gmail.com

O livro *Feliz para sempre?* é resultado da pesquisa de mestrado de Kwame Yonatan Poli dos Santos. Trata-se do trabalho de um psicólogo múltiplo que atua entre a clínica e a militância em diversos setores como movimento negro, direito LGBT e saúde mental, cujo texto não poderia ser diferente: ressoa a multiplicidade complexa constituinte do que chamamos humano. O trabalho versa sobre um tema que está na pauta do dia em clínicas e instituições de assistência, pesquisa e cuidado em saúde mental: a experiência da depressão.

Chamada *mal do século*, a depressão é extensivamente medicalizada num processo que começa com a banalização diagnóstica. Os critérios e razões da alcunha de *depressivo* são nebulosos e, frequentemente, acabam sobredeterminando a existência dos indivíduos por ele enquadrados conforme a breve história contada por Santos (2014) na introdução. Nesta história, que, segundo o autor, foi o disparador para a inquietação em torno do problema da depressão, podemos entrever o que será o método subterrâneo de sua pesquisa. Confrontando a carapuça do sujeito medicalizado e depressivo com uma meticulosa e astuta escuta, atenta aos sofrimentos decorrentes do uso prolongado dos antidepressivos, o autor consegue chegar a nuances que definem a experiência da medicalização da depressão para além da dicotomia que oscila entre o binômio anti-medicina naturalista/medicalização expansiva dos fenômenos humanos.

Destarte, Santos (2014) se esquia de uma “experiência pura” da depressão para lidar de frente com os modos nos quais esta experiência é encarnada hoje. Pois a depressão é indissociável da forma como a qual aparece e uma vez que é extrema e irrestritamente medicalizada no contemporâneo, não se pode ignorar o problema da indústria farmacêutica. Se esta é, no entanto, a base do processo de medicalização da depressão, o autor se dispõe a fazer um precioso e necessário trabalho com a ponta do processo: os usuários de antidepressivos.

Ao mirar na experiência singular de cada entrevistado, o autor justifica a estratégia argumentativa de distinção entre o diagnóstico da depressão – que cumpre a função de enquadre do sujeito na instauração de visibilidades e produção de signos para a doença como nos aponta Foucault (2011) -, a realidade dos medicamentos antidepressivos e a experiência dos usuários destes medicamentos que conjugam as duas dimensões anteriores com experiência afetiva de vivenciar uma depressão medicalizada.

As continuidades e descontinuidades são cuidadosamente desenhadas entre o ato que diagnostica a depressão, a experiência das pessoas com os antidepressivos e, por fim, a experiência singular destes indivíduos sujeitados por uma situação sintomática abrindo o campo para percebermos em que suas vidas extrapolam os signos e as decorrências da depressão sob o qual são sujeitados. Entretanto, o eixo articulador de toda a pesquisa é o trabalho de campo no qual foram entrevistadas “cinco pessoas buscando resgatar a dimensão temporal do uso de antidepressivos: a etiologia do estado depressivo, o prognóstico do tratamento, a persistência, ou não, da queixa inicial; entre outros aspectos, como a ética do tratamento, a cura” (SANTOS, 2014, p.138).

O método de análise das entrevistas não é estritamente psicanalítico, embora a psicanálise ressoe como instrumento para pensar, analisar e operacionalizar a pesquisa na escuta. O autor afirma se valer do método da psicanálise implicada, desenvolvida por João Frayze-Pereira (2005) para lançar um olhar ao mesmo tempo próximo e objetivo sobre as entrevistas a fim de resgatar a dimensão temporal do uso dos medicamentos antidepressivos.

Realizando uma leitura transversal que destaca primeiramente os traços constantes à experiência dos cinco entrevistados para passar, em seguida, aos pontos particulares que aparecem em cada um, o autor presa

por um tratamento literário das entrevistas construindo personagens conceituais, que, sob a figura dos entrevistados costuram o argumento final. Desta maneira, o nômade, a bailarina, a equilibrista, o niilista ativo e a malabarista se tornam personagens conceituais que articulam, com sua vivência singular, o argumento principal naquela que talvez seja a contribuição que mais merece destaque neste trabalho de Santos (2014): a insatisfação que grita quase silenciosamente na experiência medicalizada da depressão.

Ao tratar a doença numa perspectiva ampla e multifacetada, descontextualizando-a de sua redução psiquiátrica e neurofisiológica, o autor chega ao nível das relações inter e intrasubjetivas que constituem a experiência da depressão na encruzilhada institucional entre a indústria farmacêutica, a clínica psiquiátrica e psicológica e ainda o campo das neurociências. Sua pesquisa chega ao ponto em que consegue escutar este murmúrio que, no mais das vezes, aparece como ruído aos ouvidos de demais colegas no campo da saúde, marcando a especificidade de uma pesquisa atual e necessária no campo da psicologia.

Sem a preocupação de confirmar, reificar, ou pautar fidelidade ou vinculação a qualquer teoria ou ponto de vista previamente adotados, o autor transita com leveza e desenvoltura entre procedimento e conceitos psicanalíticos para a escuta e outros pontos de vista que atuam na interface como a psicologia como a filosofia da diferença, a teoria *queer*¹ e da desconstrução. O texto se dispõe em dois eixos fundamentais, um questionamento das condicionantes materiais, histórica e política da medicalização da depressão e outro, já citado acima, que levanta a dimensão clínica e subjetiva do problema: qual o efeito subjetivo do uso continuado dos antidepressivos?

Frente a tal questionamento, o autor levanta o tema da transformação epistêmico-paradigmática através da qual a psiquiatria finalmente entra o campo da medicina somática ao encontrar a justificativa neurofisiológica das síndromes e transtornos mentais. Para a “psiquiatria-DSM”² que encarna esta transformação e atua hegemonicamente hoje, “o sintoma é um corpo estranho alojado no indivíduo, ela o vê de maneira externa ao sujeito, como uma disfunção neuroquímica que perturba o funcionamento mental” (SANTOS, 2014, p. 66).

Assumindo uma performance abertamente medicalizadora e asilar, a “psiquiatria-DSM” (COSTA-ROSA, 2011) se baseia praticamente de maneira exclusiva na prescrição de psicofármacos, excluindo qualquer autonomia ou implicação do sujeito na produção de sentidos para o seu sofrimento psíquico. Ela atua como patologização neurobiologicizante de fatos e problemas humanos de diversos níveis, daí decorre o diagnóstico massivo de TDAH nas escola ou de depressão para mulheres abusadas, etc.

A crítica a tal paradigma incorre sobre a captura e negação da natureza múltipla, complexa e irreduzível da vivência humana, que reduz seus aspectos conflituosos e problemáticos a uma ameaça disruptiva e iminente que deve ser pronta e definitivamente combatida. Desta forma, a depressão e toda irrupção do estranho na intimidade individual das pessoas passa por um processo maciço de medicalização, passa a ser regulado por discursos, procedimentos e intervenções de roupagem técnica, cuja vocação moralizante e normalizadora cheiram mal por trás das reivindicações de objetividade e neutralidade científica de um saber que se esconde na assepsia drogas embaladas em tons sóbrios, no cheiro *clean* e na música ambiente dos consultórios médicos

Neste contexto, a realidade iatrogênica da medicalização da depressão – quanto mais se medica, mais ela necessita ser medicalizada – faz urgente a necessidade de refletir sobre o uso continuado a médio e longo prazo de antidepressivos e se o livro de Kwame Santos (2014) abre ao final uma

1

Derivada do termo anglófono *queer*, usado primeiramente de forma pejorativa para designar homossexuais, travestis, transexuais e demais as pessoas desviantes da norma cis-heterossexual que rege majoritariamente nossa cultura, a *queer theory*, começou a tomar forma com a entrada dos movimentos sociais nas universidades estadunidenses na década de 1970. No âmbito dos Estudos Culturais, a teoria *queer* integra um projeto de não-marginalização através da inclusão, do estudo e da instauração de visibilidades das chamadas minorias sociais. Se articulando à problematizações e pautas dos movimentos negro, feministas e de gênero, a teoria *queer* parte do pressuposto contra-naturalizante que entende a identidade como constructo social, formulação na qual os papéis sexuais não são pré-estipulados essencial ou biologicamente, mas formas de inscrição social variáveis ligada à performatização de um ou vários papéis sexuais.

2

Sigla em inglês para o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, elaborado pela APA (Associação Americana de Psiquiatria) que visa especificar, unificar e auxiliar os diagnósticos utilizados para a classificação de distúrbios mentais.

variedade questões para o porvir, isso não quer dizer que sua pesquisa foi incompleta ou inconclusa. Antes trata-se do mérito de uma investigação que perante uma astuta escuta clínica do pequeno gesto e do murmúrio indizível pode ouvir a insatisfação presente em todos os entrevistados usuários destes medicamentos.

Por fim, o excelente texto vem para contribuir e renovar com sopros de poesia e leveza um campo de pesquisa exaurido por um objeto maçante e urgente. Sem perder o rigor e a precisão no que se propõe, Santos (2014) acaba por formular e colocar o leitor frente a novas perguntas frente aos imperativos da performance, às implicações entre sintoma e desejo e à obrigação do sujeito a gozar. Questões urgentes para uma sociedade na qual parece cada vez mais que os espaços e momentos de infelicidade são uma aberração contraproducente, uma vergonha moral, suja e anormal, pois nela a felicidade passa de aspiração pessoal a dever social. Questões que urgem do mal-estar sorridente que nos leva a nos perguntar ao final: quem quer ser *Feliz para sempre?*

Sobre o artigo

Recebido: 15/07/2015

Aceito: 20/06/2015

Referências bibliográficas

COSTA-ROSA, A. Ética e clínica na Atenção Psicossocial: contribuições de psicanálise de Freud a Lacan. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, USP, v. 20, n. 3, p.743-757, 2011.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Arte, Dor, Inquietudes entre Estética e Psicanálise**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

SANTOS, K. Y. P. **Feliz para sempre?: uma análise dos efeitos do uso a longo prazo de antidepressivos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.